

Dionisio Jacob – *Assombros urbanos*
São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Mariângela de Andrade Paraizo

Qual será o perfil da literatura brasileira na primeira década do século XXI? Se ainda é cedo para que ele esteja definido, não o é para as primeiras especulações a esse respeito. Pelo menos, é nisso que pensamos quando encontramos um livro como *Assombros urbanos*, de Dionisio Jacob.

Percebem-se aí, nitidamente, alguns traços de continuidade quanto às duas vertentes que, segundo Renato Cordeiro Gomes¹, predominaram no final do século XX. Um desses traços é sua inscrição em uma literatura de caráter urbano, o que já se anuncia no título. Outro é sua proposta historicista. Ambos se apresentam ao leitor em um “Preâmbulo”(pp. 17-8), que, ironicamente, é o terceiro capítulo. O enredo se reporta à que o narrador chama de “longínqua década de oitenta do século passado”, apesar de revista no começo do novo século, e se pretende uma fábula. Mais exatamente, busca aproximar-se do que define como “lendas urbanas”: “uma série de narrativas espalhadas boca a boca pelas grandes metrópoles do mundo, misto de realidade e de fantasia”.

O protagonista é um indivíduo que, tipicamente, passou pela década de setenta pelo viés da “marginalidade”, seja em relação aos chamados valores burgueses que preconizavam uma vida burocrática e bem comportada, emprego fixo e casa própria, seja em relação à cultura institucionalizada, sustentada por esses mesmos valores. Dessa maneira, ele deixa seu emprego de contador, para o qual se preparara em um curso técnico, e ingressa no teatro experimental. Sua trajetória vai da única encenação do espetáculo “Zumbis urbanos”, em 1974, à mudança para a comunidade alternativa “Aquários”, de onde retorna em 1982. Tendo se afastado cinco anos da vida de São Paulo, vai encontrar aí uma nova

¹ Gomes, Renato Cordeiro. “O histórico e o urbano: sob o signo do estorvo, duas vertentes da narrativa brasileira contemporânea”. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 1991, pp.121-30.

parafernália, além, é claro, de uma outra perspectiva política, que se antevê com o final da ditadura. No presente da narrativa, Lima é apresentador de um programa de curta duração e baixa qualidade, “Assombros na madrugada”. Com a supervalorização que o *trash cult* recebeu nesse período, vai alcançar a fama que cresce junto com sua insatisfação e seu desajuste.

As personagens são ícones do cidadão comum, desde esse com idéias de reformar o mundo, como o protagonista, até aquele que sonha com seus minutos na TV, mesmo que seja em um programa que vai ao ar às duas da madrugada e, ao que parece, não tem audiência. Figuras caricatas, mas não a ponto de distanciar-se de uma possível imagem do leitor.

Com esses traços, a cidade vai sendo apresentada pelo renome e pelo anonimato que empresta a seus habitantes e que se tornam quase condição para que nos afigurem como seus legítimos representantes. Mesmo depois que Lima fica famoso, os entrevistados são sempre pessoas desconhecidas, e o público, quando surge, nem sempre é nomeado: o segurança 1 e o segurança 2, ou a mulher 1 e a mulher 2 trocam comentários sob o título comum “A fala da cidade” (pp. 155-6 e 164-5).

Outro artifício bem sucedido é a multiplicidade de linguagens, que trocam de feição a cada capítulo. O leitor passa velozmente de um a outro formato, que variam do registro característico do teatro aos tópicos de um currículo; da reportagem de jornal aos memorandos comerciais. Cortes bastante precisos desenham as vozes da cidade. Com dupla costura, esses textos fragmentários alinhavam-se com os programas de entrevista e com os trechos da narrativa sob a forma convencional da ficção.

Em contraponto com essas manifestações da *polis*, a *urbe* se representa pelo Edifício Saturno, onde mora o Lima, e que, ainda segundo o narrador, é fruto do início da década de setenta e sua arrancada para a verticalização. Projetado como parte de um condomínio que representaria todos os planetas, é o único prédio a ser concretizado. Obra embargada, sofrerá rachaduras com o impacto de novas construções em seu entorno.

Tomada como emblema de uma época, a cidade, tanto no seu aspecto físico quanto político, encontra-se em vias de desmoronar. Nisso também o romance tem proposta semelhante às do final do milênio, tempos pós-utópicos.

O que parece apresentar-se como traço singular nesse universo ficcional é o humor que o caracteriza. Dizendo-se inserido em um tempo de rápida obsolescência, o romance se articula como um conjunto de videoclipes marcados por uma reflexão crítica que, se trata de maneira cética uma realidade em dissolução, especialmente na arquitetura da linguagem marca-se pela leveza como forma de reação, em um sentido que muito se aproxima do significado que emprestou Italo Calvino à primeira de suas *Seis propostas para o próximo milênio*².

Mais importante que indagar se nossas expectativas para a ficção do século XXI estariam contempladas nessa obra de Dionisio Jacob é verificar que pelo menos algumas dessas propostas da “longínqua década de oitenta” persistem como valores estéticos e que, nesse romance, em boa hora propiciam uma leitura da contemporaneidade.